

## MONOGRAFIA<sup>1</sup>

Maria Grijó SIMONETTI<sup>2</sup>

Cristina Padua Braga MARGON<sup>3</sup>

Diego de JESUS<sup>4</sup>

Erly VIEIRA JR<sup>5</sup>

José Soares MAGALHÃES FILHO<sup>6</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

### RESUMO

*Monografia* é uma ficção em curta-metragem produzido por dez alunos do curso de Comunicação Social- Audiovisual da Universidade Federal do Espírito Santo e conta a história de Beatrix uma universitária finalista que tem dúvidas para escrever seu trabalho de conclusão de curso, quando recebe uma ajuda especial. Neste trabalho decorreremos sobre o processo de idealização (conceitos de Direção, Arte e Fotografia) e produção do filme.

**PALAVRAS-CHAVE:** audiovisual; curta-metragem; produção; Monografia.

### 1. INTRODUÇÃO

*Monografia* foi produzido demandado por duas disciplinas do 5º período do curso de Comunicação Social - Audiovisual da Universidade Federal do Espírito Santo. As disciplinas foram: Planejamento e Produção de Set, ministrada pelo Prof. Dr. Erly Vieira Jr e Edição, ministrada pelo Prof. Me. José Soares Magalhães Filho e, portanto, orientadores deste trabalho. As exigências para a peça audiovisual eram de que se tratasse de uma ficção e que tivesse a duração entre dez e 15 minutos. E quanto a equipe, de que fosse composta por até dez alunos, sendo eles divididos em diferentes funções (Direção, Assistência de Direção, Direção de Fotografia, Direção de Arte, Som e Produção).

O roteiro escolhido para ser produzido é uma ficção atemporal passada, em sua grande parte, numa típica biblioteca. Sob o ponto de vista da adolescente Beatrix, o espectador

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de ficção.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 5º período do curso de Comunicação Social – Audiovisual da Universidade Federal do Espírito Santo, email: maria.grijos@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante 5º período do curso de Comunicação Social – Audiovisual da Universidade Federal do Espírito Santo, email: cristinapbmargon@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante do 5º período do curso de Comunicação Social – Audiovisual da Universidade Federal do Espírito Santo, email: diego.j00@globo.com

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social, email: erlyvieirajr@hotmail.com

<sup>6</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social, email: josoaresjr@yahoo.com.br

encontra neste espaço algo inusitado que o faz questionar sobre a veracidade dos fatos que ocorrem durante a história. Beatrix é apresentada como uma estudante em fase de conclusão de seu curso e com a desafiadora tarefa de dar continuidade a sua Monografia. Desesperada por ajuda, a personagem começa a achar suas respostas de forma curiosa questionando até que ponto tal acontecimento tenha sido realidade ou apenas imaginação.

## 2. OBJETIVO

O principal objetivo da produção do filme foi a obtenção de experiência por parte dos membros da equipe: fazer um curta-metragem com uma duração maior do que era comum nos trabalhos da faculdade e com uma equipe mais extensa separada por funções específicas. As disciplinas avaliadoras da peça audiovisual também visavam a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos em sala. Enquanto a matéria de Planejamento e Produção de Set avaliaria como nós conseguimos encontrar soluções para os problemas de produção e como nos planejamos para a melhor realização do produto; a de Edição esperava o emprego das técnicas de edição (seja da linguagem clássica ou não) estudadas.

*Monografia* traz o questionamento da linha divisória do que é real e do que é imaginação; do que pode nos parecer real e que não necessariamente é para outrem. Através do autor citado no próprio filme, Leslie Stevenson, a fronteira da realidade e a imaginação são tratadas indiretamente no vídeo, questionamentos derivado de um dos textos publicados pelo autor.

Em *British Journal of Aesthetics*, Stevenson relata a doze concepções da realidade (“Twelve Conceptions of Imagination”), que seriam elas:

“(1) The ability to think of something not presently perceived, but spatio-temporally real. (2) The ability to think of whatever one acknowledges as possible in the spatio-temporal world. (3) The liability to think of something that the subject believes to be real, but which is not. (4) The ability to think of things that one conceives of as fictional. (5) The ability to entertain mental images. (6) The ability to think of anything at all. (7) The non-rational operations of the mind, that is, those explicable in terms of causes rather than reasons. (8) The ability to form perceptual beliefs about public objects in space and time. (9) The ability to sensuously appreciate works of art or objects of natural beauty without classifying them under concepts or thinking of them as useful. (10) The ability to create works of art that encourage such sensuous appreciation. (11) The ability to appreciate things that are expressive or revelatory of the meaning of human life. (12) The ability to create works of art that express something deep about the meaning of life.” (STEVENSON, 2003, p. 238-259)

Portanto, o roteiro foi baseado nestas constatações e seu objetivo principal era utilizar algumas seletas concepções deste texto para criar uma situação que envolvesse os questionamentos gerados por este.

### **3. JUSTIFICATIVA**

O principal tema do filme é fronteira entre a imaginação e a realidade concreta, usando como estrutura o desespero de uma universitária finalista, uma realidade bem próxima a dos membros da equipe. A condição para que essa imaginação tome conta da personagem é esse desespero, mas seria a imaginação o contrário da realidade? No caso de Beatrix, o que nos parece imaginação é para ela, realidade.

When a subject imagines objectually, she represents to herself a real or make-believe entity or situation. So, for example, Prospero might imagine an acorn or a nymph or the city of Naples or a wedding feast. To imagine in this sense is to stand in some mental relation to a representation of an (imaginary or real) entity or state of affairs. (YABLO, 1993)

No fim do curta-metragem não interessa para a protagonista mais se aquilo foi real para todo mundo ou não foi, se era só fruto da imaginação, para ela o importante é que sua monografia ficou pronta. Mas, no momento em que os grafitos apareciam na parede, a existência de alguém que a ajudava era real (para ela) e segundo Gendler & Kovakovich (2006) isso é uma condição para ser real, Beatrix acreditar e ter sentimentos por essa “pessoa”: “Coordination Condition: In order to have genuine emotional responses towards a character (or situation), one must not believe that the character (or situation) is purely fictional or merely imaginary”.

Como já foi dito anteriormente, o curta-metragem foi, a princípio, realizado a partir da demanda de disciplinas do curso. Em sendo a primeira incursão dos alunos em uma produção com equipe maior, o período de feitura (pré-produção; produção e pós-produção) de *Monografia* proporcionou um grande ganho de experiência a todos, pois cada um pode imergir em sua única função, podendo também se identificar e se especializar em uma parte específica da produção audiovisual – o que é de grande valia para quando entrarmos no mercado de trabalho.

### **4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A equipe foi dividida por funções, o que se assemelha com o modo de produção industrial dos grandes filmes e, não mais, como nos filmes amadores (ou não industriais) que existe uma equipe em que “todo mundo faz um pouco de tudo”. Assim, foram construídos conceitos para cada parte do filme (direção, fotografia, arte...) com um mesmo propósito de fazer o espectador emergir nesse mundo de Beatrix que se localiza entre a realidade mundana e uma imaginação sublime.

Ao fazer a decupagem<sup>7</sup> do roteiro, o Diretor constituiu três momentos distintos para o filme: o primeiro, em que temos longos planos-sequência, já que Beatrix vive um momento agonizante em que não tem ideias para a sua monografia; o segundo, quando há planos mais rápidos – mais cortes – e uma trilha sonora, indo ao encontro da mudança de humor da protagonista; e por fim, o terceiro momento, em que voltam os planos longos (não tão extensos quanto os primeiros, mas não tão pequenos quanto os do segundo momento), voltando a referência ao momento sem ideias de Bia.

O uso de planos-sequência é uma forma de trazer realismo às cenas, segundo Bordwell (2008) ele pode conceder a cena a continuidade espaço-temporal, dando a impressão de que a ação do personagem ocorre no tempo que também é o tempo do espectador. Mas em *Monografia* junto com os planos-sequência é utilizado algum outro movimento de câmera que nos surpreende, trazendo o sentido oposto ao dado por Bordwell e nos mostrando que “nem tudo o que parece ser, é”, rompendo com a expectativa.

A Direção de Arte também concebeu seu trabalho a partir da divisão de quatro momentos do filme e a cada um desses momentos foram escolhidas cores, segundo princípios da comunicação visual e de teorias psicológicas que atribuem significação às cores. Logo, no primeiro momento, no qual Beatrix aparece com dúvidas, a cor predominante foi o azul, que sugere tranquilidade, mas em excesso indica solidão; no segundo momento, em que a protagonista começa a descobrir respostas para suas dúvidas, ela está mais confiante e a cor escolhida foi o vermelho, que remete a força e coragem, além de ser uma cor viva – o que ajuda a destacar Bia do ambiente em que ela está. O terceiro momento é caracterizado pelo desamparo da estudante e por isso o uso do preto (em tons de cinza também), que indica ausência e o último momento, o da apresentação da monografia, quando Beatrix é

---

<sup>7</sup> Decupagem do francês *Découper*, que em português significa cortar. Na linguagem cinematográfica é a preparação da filmagem no papel, em planos e sequências e que serve de referência para toda a equipe. (AUMONT; MARIE, 2001, p.71)

vista com confiança, logo a cor deveria remeter a autoconfiança e satisfação e assim, a escolha foi o amarelo. Destaca-se que a arte, em seu departamento de figurino, teve grande importância já que muitos cortes e elipses são perceptíveis somente por causa da vestimenta usada pela protagonista.

Como o curta-metragem se passa majoritariamente em uma cabine de biblioteca, um ambiente pequeno e que, portanto, aparece por diversas vezes, a equipe de fotografia optou por realçar a personagem com o uso de contra-luz e pouco preenchimento, o que ocasionou também o que na fotografia é conhecida com luz dura, que não é tão suave a visão do espectador.

Ainda foram usados storyboards para auxiliar todas as equipes no entendimento das cenas, já que nem sempre foram possíveis reuniões de equipe e que o tempo de produção foi curtíssimo, de apenas 20 dias.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Beatrix está com sua amiga Júlia em um parque. Bia não consegue ter uma ideia para a sua monografia. Bia vai a biblioteca ler alguns livros e fazer uma pesquisa, tudo com o intuito de conseguir ter alguma ideia. Como ela não tem nada, ela liga para o pai, clamando por ajuda. Nesse momento ela percebe que tem uma mensagem para ela na parede da cabine em que está. Meio sem pretensões, ela responde a mensagem na parede, escrevendo nela. Quando retorna, em outro dia, à cabine, Bia percebe que teve uma resposta, que indica um livro para ela. Ela fica intrigada e desconfiada no começo, mas decide anotar o número e ver que livro era. Quando encontra o livro, percebe que se trata de um assunto que ela pretendia escrever. Isso leva Beatrix a se comunicar com a parede. Ela agora escreve de volta e continua recebendo as mensagens. As ideias agora fluem para ela. Mas em certo momento, Beatrix fica curiosa e decide saber quem é a "pessoa" que está ajudando-a. Ela põe um bilhete escrito "quem é você?" dentro de um livro e coloca em uma estante de biblioteca. Quando chega no próximo dia, ela encontra a palavra "pense" escrita na parede. Sem entender o que aquilo poderia significar, Bia se frustra e começa a pensar se aquilo tudo não seria uma pegadinha de alguém. Ela decide chamar o bibliotecário para ver o que está acontecendo, só que quando esse chega à cabine, não vê nada na parede. Beatrix também não vê mais nada. A parede está totalmente limpa, sem nada escrito. Ela fica sem entender o que aconteceu. Mesmo sem poder explicar o ocorrido, Bia termina seu TCC e

apresenta para a banca. Para ela, no final, não importa se o que aconteceu foi real ou imaginação, o que importa foi que aquilo a ajudou a fazer a escrever sua Monografia. Bia é grata por isso.

O curta pode ser dividido em três momentos baseados no estado da protagonista. No primeiro momento temos uma Beatrix insegura, indecisa, que não consegue tocar a sua monografia. Para retratar esse momento, planos mais longos são adotados, sendo alguns desses, planos-sequência. Nos planos-sequência realizados no curta-metragem, há, quase sempre, dois movimentos de câmera, para quebrar a expectativa do espectador, mostrando que “nem sempre o que parece é”. Justapondo, exatamente ao conceito que o plano-sequência tende a ter que é o de dar mais realismo às cenas. Nesse começo também temos um plano longo de nuvens. Isso tenta representar o fato de que cada um pode ver uma figura diferente ao olhar aquelas imagens. Os primeiros frames do curta-metragem já mostram que cada espectador pode entender de uma forma diferente, pode “ver” algo diferente, isto é, essa peça audiovisual não tem só uma interpretação, existem múltiplas. Como nas nuvens cada um pode ver uma figura, ao assistir *Monografia* cada um pode entender de forma diferente. Em termos de Direção de arte, a cor predominante na paleta de cores aqui é o azul. A cor sugere espiritualidade, ordem, quietude e tranquilidade, e é muito empregado em locais para relaxamento, como quartos e salas de descanso, pois incitam paz e sonolência. Mas em excesso, a cor azul distrai e pode estimular a solidão. Essa cor também se tornou predominante na fotografia em todas as cenas da biblioteca, refletindo a solidão de Bia. Outras cores complementares desse momento foram o verde e tons marrons e beges, em tonalidades mais frias e azuladas.

Esse primeiro momento dura até quando Beatrix descobre o livro através da anotação deixada na parede. Essa ação dá uma virada no curta e muda o estado emocional dela. Agora, temos uma protagonista alegre e de certa forma confiante. Ela se comunica com a parede e também escreve coisas. Nesse momento, é dada a importância da parede e da cabine na história. Essas duas são como um ser vivo. Principalmente a parede, pois é ela que mostra para a Beatrix o que ela deve fazer. Parte dela a incentiva para ajudar nossa protagonista. Por isso, a cabine teve de ser pequena, para conseguir transformá-la em um organismo, que se comunica pelas escritas na parede. Essa é a chave do curta, o que está escrito na parede é essencial para o seu entendimento. A parede é um elemento que se comunica e, ao perceber que a estudante não precisa mais de sua ajuda, “se limpa”, apaga

tudo o que havia escrito, como se tivesse vontade própria. Os planos em que Bia aparece de frente representam, justamente, a observação desse elemento, tal qual ela estivesse observando a suplica da personagem. Por que só Bia pode ver a parede? Pois a parede é usada no curta como metáfora do inconsciente, nesse caso específico, do inconsciente da protagonista. Todo esse momento, faz parte do segundo estágio do curta. Esse momento é totalmente diferente do primeiro, pois aqui temos planos muito mais rápidos que no momento anterior. A edição dos planos ganha grande importância nessa parte, principalmente porque se tem o início de uma trilha sonora. Os cortes rápidos, seguindo o ritmo da música clássica pretende criar um clima de agonia e de ansiedade no espectador. Vale lembrar que a arte muda a paleta de cores nesse segundo momento do curta. Agora o vermelho se torna a cor principal, e isso se reflete no figurino e na maquiagem.

Tudo parece ir bem para nossa protagonista até a próxima virada do curta. Beatrix tenta descobrir quem é a “pessoa” que está ajudando-a, então ela decide escrever um bilhete, colocar em um livro e esperar por uma resposta no dia seguinte. Mas a resposta que ela tem é a palavra “pense” em uma nova inscrição a parede. Bia não esperava por isso, e fica sem entender o que está acontecendo. Temos então o começo do terceiro momento do curta. Com essa virada, arte novamente comprova que trabalhou encima das mudanças emocionais da protagonista e temos uma nova cor predominante, dessa vez o preto. Também levada pelo estado de angústia e desorientação da protagonista a edição assume cortes bruscos como linguagem principal a partir desse ponto, com isso vemos a transição de dias através de cortes desconexos, e de certa maneira não fluentes.

No final, vemos que Beatrix se dar por vencida e se debruça sobre a mesa da cabine. Em um corte seco temos uma grande elipse para a sala onde ela está apresentando a sua monografia. Vemos que Bia está debruçada da mesma maneira que estava na cabine, em certo momento ela se levanta e apresenta o título de seu TCC. Esse movimento simboliza o fato de ela ter superado tudo: que ela obteve ajuda quando precisou, mas conseguiu seguir sozinha. Nesse momento, não cabe mais o questionamento se os eventos realmente ocorreram, pois para ela ocorreram. Ela já foi ajudada e já conseguiu escrever sua monografia.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

A produção de *Monografia* foi de extrema valia para todos os membros da equipe, tanto pela experiência, quanto pelo resultado. Como se trata de um exercício acadêmico, o filme pode contar com experimentações em vários aspectos como na edição e na fotografia.

Essa versão a ser avaliada do curta-metragem não pode ser considerada a final, já que consideramos que ela ainda pode ser melhor finalizada e uma trilha sonora original está sendo composta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, J.; MARIE, M. **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. Campinas: Papyrus, 2003.

BORDWELL, David. **Figuras Traçadas na luz: A encenação no cinema**. Campinas: Papyrus, 2008.

GENDLER, T. S; KOVAKOVICH, K. Genuine Rational Fictional Emotions. **Kieran** [S.I] p. 241-253. 2006.

STEVENSON, L. Twelve Conceptions of Imagination. **British Journal of Aesthetics**, Oxford. 2003. Disponível em:< <http://bjasthetics.oxfordjournals.org/content/43/3/238.short>> Acesso em 10 de março de 2013.

YABLO, S. Is Conceivability a Guide to Possibility?. **Philosophy and Phenomenological Research**, [S.I] n. 53(1): p. 1-45. 1993.